

A Sexualidade e a Pré-Escola

Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO)
Centro de Ciências Humanas (CCH)
Escola de Educação
Curso de Pedagogia
Disciplina: Seminário de monografia

Reitor: Osmar Teixeira da Costa
Decana: Cenyra Vieira Fernandes
Coordenadora: Malvina Tania Tutman Diegues
Professora Orientadora: Maria da Penha Bastos Mendes

A SEXUALIDADE E A PRE-ESCOLA

por

MIRELLA DE CARVALHO FURTADO
Aluna do Curso de Pedagogia. Escola de Educação
Universidade do Rio de Janeiro

Monografia apresentada em
cumprimento ao requisito parcial
para conclusão do curso de
Licenciatura plena em Pedagogia.

Rio de Janeiro, 1º semestre de 1992.

À infância aparece como um jardim maravilhoso cintilante de flores e de frutas, mas em cujas grades e árvores há este aviso: "É proibido colher flores; é proibido comer frutas".

(F. de Groisset)

DEDICÓ este trabalho a todos os professores, em especial aos do pré-escolar, e a todos que se interessam pelo polêmico assunto da sexualidade na pré-escola.

AGRADEÇO a Deus pela vida.

Agradeço a minha família, a todos os professores, e em especial à minha orientadora, Prof^a. Maria da Penha Bastos Mendes, pelo constante apoio que me deu, o que certamente contribuiu para a elaboração deste trabalho.

Mirella

SUMARIO

	pág.
SINOPSE	06
1 - INTRODUÇÃO	07
2 - A CRIANÇA NO DESEJO INCONSCIENTE DOS PAIS	10
3 - ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO PSICO-AFETIVO DA CRIANÇA	16
3.1 - A vida fetal	17
3.2 - O primeiro ano de vida	18
3.3 - O segundo ano de vida	20
3.4 - O terceiro ano de vida	22
3.5 - A latência afetiva	25
4 - A SEXUALIDADE INFANTIL - TERRA INCOGNITA	28
4.1 - Aspectos gerais	30
4.2 - Importância das primeiras experiências	36
5 - COMPORTAMENTO SEXUAL DA CRIANÇA PRE-ESCOLAR	46
5.1 - Linguagem Sexual	49
5.2 - Contato físico e intensidade	51
5.3 - Jogos Sexuais e o interesse pelos genitais	54
5.4 - Masturbação	56
6 - IMPORTANCIA DO PAPEL DA FAMILIA E DA ESCOLA	60
7 - CONCLUSÃO	69
8 - SUGESTOES	71
9 - BIBLIOGRAFIA	72

SINOPSE

Este trabalho objetiva dar subsídios para a compreensão da sexualidade infantil, levantando bibliografias atualizadas sobre o assunto e identificando os interesses sexuais das crianças do pré-escolar, seu comportamento e a influência da família em seu desenvolvimento.

1. INTRODUÇÃO

O problema da sexualidade infantil, apesar de já ter sido abordado por estudiosos como MAUCO (1967); SCHRAML (1977); e mais recentemente CONSTANTINE (1988); WINNICOTT (1988); constitui ainda, atualmente, um tema que deve ser estudado em profundidade, cabendo este papel aos professores que se dedicam ao ensino no pré-escolar.

O fato deste assunto não aparecer em forma explícita nos programas de formação de professores, dificulta a compreensão dos iniciantes na carreira quando se deparam com o problema na prática em suas classes.

O desenvolvimento psico-afetivo da criança passa por diferentes etapas, iniciando-se no desejo inconsciente dos pais: na vida fetal, a criança sofre influência do meio através da mãe e do pai, onde a harmonia conjugal é um dos fatores essenciais para o desenvolvimento saudável da criança. "No primeiro ano de vida a criança tem necessidade de auxílio material e afetivo da mãe, já no segundo ano de vida, ela completa seu desenvolvimento muscular, e manifesta

interação da relação com seus pais; no terceiro ano de vida a criança vai conhecer e descobrir novas situações de relacionamento e as refletindo em sua própria vida. Finalmente na fase de latência, a criança sofre uma dupla influência: dos pais e da escola, e estas influências vão marcar sua aprendizagem e sua vida". (MAUCO, 1967)

Os primeiros desejos inconscientes de uma criança estão relacionados com seus pais; sua vida, seus sentimentos, sua maturidade. E nessa fase que a criança percebe a relação pai/mãe, aceitando ou rejeitando suas atitudes, seu comportamento, sua relação conjugal; é onde a criança percebe as relações conflituosas dos pais, refletindo assim sua imagem nela própria (MAUCO, 1967). As primeiras experiências são muito importantes para a criança, por isso devem ser bem aceitas e compreendidas pelos pais e professores, para que elas não escondam seus verdadeiros sentimentos e não formem conflitos internos, e para que expresse uma personalidade própria. (BETTELHEIM, 1988)

A maturidade implica, entre outras coisas, na capacidade de tolerar idéias, e um sistema social maduro permite a liberdade das idéias e sua livre expressão. (WINNICOTT, 1988)

A criança deve ser encarada como um ser sexualizado, no qual a sexualidade é uma força dinâmica no desenvolvimento da personalidade, força esta que determinará grande parte de

sua felicidade e o seu grau de realização quando adulta.
(CONSTANTINE, 1984)

O sexo merece o seu devido lugar enquanto impulso criativo e necessidade vital, e deve estar relacionado com amor, responsabilidade e dedicação a fim de se constituir em arma de controle e exploração, e quando usado indevidamente destrói as relações humanas. Se aproveitado de maneira responsável, é estimulante e enriquecedor. (BRIGGS, 1986)

Ao abordar o tema com a criança a explanação franca, descarrega a fantasia infantil, impedindo que a criança assuma alguma atitude secreta e incorreta. (JUNG, 1988) Se uma criança tende a fantasiar para impressionar as outras crianças, então este comportamento de auto-afirmação deve ser descrito o mais exatamente possível. Isto porque, se uma criança se mostra muito discreta nesse sentido, inconscientemente pode ser sexualmente muito acessível; enquanto que uma criança que já se salientou por seu interesse em assuntos sexuais e até por brincadeiras sexuais, na prática pode ser absolutamente reservada (SCHRAML, 1977), mas tudo isso depende da relação que estas estão tendo com seus pais e com as figuras ou melhor, modelo que com elas lidam e sem dúvida, o professor é uma das figuras modelo de maior relevo.

2. A CRIANÇA NO DESEJO INCONSCIENTE DOS PAIS

"A criança é alegria
como o raio de sol, é
estímulo como a
esperança."

(COELHO NETO)

A criança está situada na sensibilidade inconsciente dos pais, mesmo antes do seu nascimento. Esta, elemento de afirmação da virilidade do pai e feminilidade da mãe, influencia naturalmente a relação do casal. O pai, elemento constitutivo da sensibilidade materna, deve ser sentido, pela criança, como a autoridade que impõe as necessárias disciplinas que regulam as relações da vida coletiva; modelo de força serena, admirada e que confere segurança, para atingir uma maturidade afetiva e o domínio de si, com sentimentos positivos e negativos. Seus sentimentos positivos de amor e de admiração, podem ajudar a criança a suportar e a superar os sentimentos negativos de agressividade e violência. Como diz MAUCO (1967)

"o pai contribui com este duplo papel, negativo e positivo, para alimentar o diálogo interior da

criança, permitindo-lhe, sobretudo, aceitar as renúncias necessárias para o domínio de si, ao oferecer-lhe um modelo a imitar" (p.42).

Por isso, o pai agressivo, violento, ansioso e depressivo, é imaturo e não pode assumir plenamente o papel de pai; por essa razão, é muito importante que o pai possa afirmar sua natureza viril e que a mãe e os filhos a aceitem no seu simbolismo e força disciplinante.

"O pai, através do filho, revive a sua própria infância." (MAUCO, 1967; p.44)

A criança, que não tem um pai vigoroso e querido como suporte, vê impedida a sua maturação afetiva, rejeitando-o e com ele a sua autoridade. Se esse pai não afirma o seu papel viril, e a mãe tende a diminuí-lo ou a substituí-lo, a criança pode ter dificuldades em relacionar-se. Todo mundo deseja ser admirado, considerado, pois é condição de ajustamento social ter o respeito dos outros.

O amor paterno pode ser perturbado por múltiplos desvios, como: o autoritarismo intolerante, a violência, a agressividade, a renúncia, a abdicação e o fechar-se sobre si, mas pode haver também, um amor paterno captativo particularmente abafante. O paternalismo, com manifestação de amor possessivo, impede a auto-afirmação da criança, obrigando-a a permanecer como um objeto, inibindo assim suas forças de emancipação. Não podendo evoluir, a criança não pode nem situar-se, nem aceder à sua autonomia em relação

aos outros, tornando-se então, uma criança apática e dependente.

Com o conhecimento próprio, os pais podem se permitir a reduzir a sua necessidade de autoritarismo e seu desejo de conseguir a submissão passiva da criança, aceitando a idéia de que, educar uma criança é levá-la à sua independência pessoal, para o posterior desenvolvimento no âmbito familiar. É importante que o desenvolvimento democrático da família não afete o vigor da imagem paterna nem o que esta imagem deve representar como força psicológica para a mãe e para os filhos.

"Se inconscientemente a agressividade materna recusa ou diminui o pai, a criança tem uma tendência demasiado forte para seguir essa recusa" (MAUCCO, 1967 p.50)

A mãe, é o centro das experiências da criança, e tudo que ela sente de positivo ou negativo em relação ao pai, será refletido na criança, e está também irá sentir o mesmo inconscientemente. A mãe, é o alimento essencial do desenvolvimento mental, é a fonte constante de provocação e de estímulo e é a pessoa com que a criança faz sua primeira comunicação. Por ser a figura que está em primeiro plano na criação do filho, a mãe assume um papel de destaque no intelecto deste, e passa a ser o centro de sua atenção. Tudo que a mãe disser será ouvido e obedecido.

Se existe uma afetividade obsessiva por parte da mãe esta vê na criança um objeto de posse, pois não tendo maturidade suficiente e nem uma resposta às suas necessidades (afeto, carinho, etc.), age com seu inconsciente, exigindo da criança tal resposta.

Isto faz com que a criança antes de ser ela própria, torna-se objeto de manipulação afetiva materna, o que lhe provoca sérios problemas em sua vida futura. CARDOSO (1968), diz que,

"a criança para evoluir sadiamente, deve sentir-se apoiada por essas duas forças (pai e mãe), aparentemente opostas, mas na realidade complementares, e não manipulada por elas". (p.92)

A sensibilidade materna pode variar consideravelmente, porque em primeiro lugar, há a mãe para quem a criança é uma fonte de profundas satisfações, como existe aquela cuja imaturidade afetiva provoca reações perturbadoras. A carência afetiva materna num dado estágio do desenvolvimento, se for total e prolongada, pode provocar danos irreparáveis no desenvolvimento intelectual da criança. A mãe, fonte de toda a vida para a criança e com seu papel importante no desenvolvimento desta a ponto de, se a mãe "desaparecer" por pouco tempo que seja, para a criança ainda sem defesa, isto equivale a morte e ao desmoronamento do mundo. Diante desses problemas que só atingem a criança, existe outro que faz parte do cotidiano de algumas mães; são aquelas que amam possessivamente seus filhos, fazendo desse

amor captativo, um modo de receber da criança provas de amor, de obediência, de submissão e de ternura; esta mãe ama pelas satisfações que lhe pode dar este amor e não a criança por ela mesmo; não aceitando-a como personalidade original. Esse tipo de amor, através do qual, estas mães exprimem os desejos insatisfeitos do adulto, torna praticamente impossível uma ação educativa saudável. A mãe, obedecendo aos seus próprios sentimentos inconscientes, não pode colocar-se efetivamente no lugar do filho, logo dificilmente poderá compreendê-lo e ajudar em sua evolução. Já a mãe segura, capaz de amar o filho para além de si mesma, pode, devido a sua maturidade, viver uma vida afetiva adulta satisfatória, realizando na criança, uma vida feliz e saudável.

O pai e a mãe influenciam a criança não somente pelo seu comportamento individual, mas também, pela natureza das suas relações conjugais. A criança percebe as relações conflituosas dos pais, e as imagens destes conflitos serão sentidas como uma ameaça recíproca. A criança, produto da relação do casal, é sentida inconscientemente por estes, como os sentimentos que alimentam a sua discórdia. A mãe, com isso, pode rejeitar a criança, produto do pai, ou tentar insurgi-la contra o pai; e este, a rejeita como fixada a mãe. E na relação do casal que a personalidade profunda do pai e da mãe se afirma e pesa sobre a criança, pois, o

inconsciente da criança registra com uma precisão e uma intensidade espantosa, as tensões inconscientes dos pais.

" Um ser humano completo se constitui biologicamente de dois indivíduos: homem e mulher. O próprio organismo de um e outro apresenta as características somáticas desse ajustamento harmonioso e perfeito, que culmina com a procriação. São metades diferentes que devem, no entanto, se articular bem. Uma - a metade masculina - deve ser mais ativa, produtiva e enérgica; deve oferecer maior resistência, para cumprir sua missão de proteger; a outra - a metade feminina mais plástica, suave e receptiva".
(CARDOSO, 1968. p.92)

3. AS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO PSICO-AFETIVO DA CRIANÇA

"Nada nos perverte
tanto como o não
sermos amados."
(GOUTIER)

Os problemas que um adulto apresenta podem ser medidos por seu próprio sofrimento, enquanto que, os de uma criança se medem pelos sofrimentos dos pais, tanto como pelos seus próprios. As crianças, conforme sua idade e seu grau de maturação, reagem a esses problemas de um modo diferente e com meios também diferentes. Se o adulto gera a revolta na criança, esta ainda imatura, reagirá com agressividade aos que a rodeiam, inclusive a escola, através de brigas com colegas como morder, chutar, bater, etc.; e até mesmo com a professora. As vezes apresenta incontinência urinária, que é também uma forma de reação.

A característica essencial do homem é o seu poder de construir em si um ser humano, partindo de suas próprias forças. Mas, esse poder que constitui a sua grandeza, exige exercício mental para que a onipotência do desejo aceite o "não" da realidade social, coisa que é muito difícil e muito

angustiante, esta aceitação permitirá a transformação do desejo bruto em energia dominada. MAUCO (1967), afirma que: "o essencial da educação é uma obra inconsciente, realizada no plano simbólico, onde a cada dia se aprende mais com a vida e disto depende o crescimento do homem". (p.65)

"E o desenvolvimento afetivo que constitui o essencial da educação." (MAUCO, 1967, p.65)

3.1 - A vida fetal

Qualquer criança tem latente a possibilidade de desenvolvimento, através do meio em que vive. No domínio da sensibilidade e do caráter, a hereditariedade desempenha um papel insignificante, pois o poder da educação e a influência do meio, vencem de uma maneira geral os fatores hereditários. De uma maneira geral,

"a criança depende muito mais daqueles que a rodeiam do que daqueles que a precederam, e isso, permite-lhe progredir sem ficar prisioneiro de uma rígida hereditariedade". (MAUCO, 1967, p.67).

Essa influência do meio é determinado, desde antes do nascimento, pelos pais e suas relações afetivas, durante a gestação. A influência dos pais vem de seu ambiente, familiar; se a mãe, em algum momento, for presa pela doença, pela ansiedade ou sente-se infeliz e não tem suficiente maturidade afetiva, passará todos esses problemas para o

nascituro. Do pai, em grande parte, depende a calma, a alegria e a segurança material, a harmonia conjugal sendo fator importantíssimo no desenvolvimento harmonioso da criança, desde o período fetal.

3.2 - O primeiro ano de vida

"Nos primeiros anos de vida, a criança tem necessidade do duplo auxílio material (cuidados e alimentação) e afetivo (segurança e ternura) da mãe". (MAUCO, 1967, p.68)

No 2º. ou 3º. mês, a criança é capaz de dirigir o seu próprio olhar, atingindo o controle ocular, condição necessária para ver melhor o meio e enriquecer a sua experiência. No 3º. mês ela responde pelo sorriso aos que a rodeiam. Trata-se, então, de uma importante etapa, pois é a primeira vez que se verifica uma correspondência na criança. Esse sorriso é um sinal de satisfação, relacionado ao meio em que ela está.

A voz, ao mesmo tempo que o rosto, oferece um estímulo às reações ativas da criança. Os sons vão se tornando uma série de sinais de comunicação com o exterior. Esses sinais sonoros vão servir para o desenvolvimento ulterior da linguagem, com isso "o diálogo humano é assim um diálogo libidinal de dois corpos, desde a aurora da vida". (MAUCO, 1967, p.71). A criança, pelo pensamento e pela ação,

desenvolve a sua vida psíquica embrionária, esboça uma atividade social, agindo sobre os objetos sentidos como exteriores. Ao reagir no reconhecimento de um rosto, a criança entra na convivência social pelos sentimentos de prazer ou desprazer em relação aos outros. Como diz MAUCCO (1967),

"este sentimento de desprazer em relação aos outros vai ter tanta importância como a manifestação ativa de prazer, ou seja, tanto o conhecido como o desconhecido vão fazer parte da vida da criança, por isso, essas duas reações são indispensáveis à maturação, ao crescimento e desenvolvimento do "eu" da criança". (p.73)

E a partir do 6º. mês que surge uma nova forma de tensão; o medo, pois até então, as tensões eram fisiológicas. O medo do desconhecido é mais psicológico. Ele nasce da relação com um objeto exterior, acompanhada de desejo de fuga; é a relação da criança com o objeto que a rodeia fora de seu âmbito familiar. Já no 8º. mês, surge uma reação importante: a angústia. Esta manifestação de angústia está ligada ao medo de perder a mãe.

"O reconhecimento preferencial da mãe e a rejeição do estranho e do desconhecido, acentua o interesse afetivo pela imagem materna". (MAUCCO, 1967,p.74).

Esta ligação afetiva com a mãe levando à recusa do estranho, desenvolve na criança todo um jogo de relações sociais com: "companheiro preferido" e "companheiro rejeitado". As pulsões amorosas (libidinais) e agressivas, vão se diferenciando, ao passo que antes se confundiam na mesma

imagem. A criança já sabe, então, diferenciar as pessoas que a rodeiam.

O aspecto oral da relação filho-mãe, exprime-se nos fantasmas interiores da criança através das imagens de sucção e absorção. O seio que concretiza essa relação, torna-se a imagem fundamental; por ele, a mãe penetra no corpo da criança, e esta recebe a vida, o alimento e a satisfação libidinal do desejo de amor e de calor humano. Por isso, com sua recusa, a criança sofre todas as inseguranças e, se o desmame for mal apresentado, pode ser traumatizante para ela. A sensibilidade infantil ressentir-se da amamentação não apenas como a perda da mãe, mas como uma perda de uma parte de si próprio. Assim, no fim do 1º. ano de vida, a criança tem um "eu" suficientemente elaborado para reconhecer os que a rodeiam, os alimentos, os objetos; manifestar medo, angústia, ciúme, necessidade de posse, ternura e descarregar suas tensões. Se torna, então, participante efetivamente da vida social.

3.3 - O segundo ano de vida

Todo o primeiro ano foi dominado pela relação de absorção e rejeição. No segundo ano de vida, a criança completa o seu desenvolvimento neuro-muscular, e a relação "pais-filhos" já incide nas funções de excreção. A retenção

ou a expulsão das fezes e da urina é uma atividade que exprime os sentimentos relacionais da criança com a mãe, pois os produtos do corpo são sentidos pela criança como criação própria.

A educação se muito restritiva provoca uma condenação severa e angustiante das atividades musculares, a criança pode vir a sofrer mais tarde de uma inibição da sua agressividade normal e uma preocupação mais ou menos obsessiva de ordem e asseio, ou de um desleixo sistemático. Da mesma forma: a enuresia (incotinência da urina), as tendências para o sadismo ou para o masoquismo, a sodomia (prática sexual entre indivíduos do mesmo sexo), podem explicar-se, em grande parte, pelas perturbações da sensibilidade neste período da infância. Segundo MAUCCO (1967),

"é a este período que os psicanalistas chamam anal ou sádico-anal, depois uretral, para sublinharem as manifestações dessa agressividade pelas funções excretórias, e é nesta idade que se criam as estranhas relações que unem o sofrimento e o prazer" (p.79)

As interdições educativas, a aquisição do asseio (higiene) e do domínio neuro-muscular, levarão a criança a sentir a mãe como mais impositiva. Começa, então, na criança, as primeiras afirmações do "eu" pelo "não". Esta palavra que proíbe com energia é ouvida muitas vezes. E a negativa da criança torna-se sinal de insatisfação e

frustração, onde ela desenvolve ao mesmo tempo uma agressividade protetora contra a mãe.

A criança utiliza a agressividade e o poder do não, virando-se contra o mundo exterior e contra a mãe, surgindo a capacidade da criança para a negação e para a oposição, por vezes obstinada. E o exercício de sua capacidade para se identificar com a mãe através do gesto e da palavra, imitando estas atitudes que vai desenvolvendo na criança uma afirmação das suas pulsões, da socialização ampliada pela identificação e pela participação com outros. Assim, a criança, ao longo do segundo ano de vida, vai saindo cada vez mais da dependência, tornando-se mais ativa e apta para exprimir suas necessidades e para satisfazê-las, utilizando a agressividade e a oposição ativa do "não" sempre que o meio é sentido como insatisfatório.

3.4 - O terceiro ano de vida

No decurso do 3º ano, a criança vai conhecendo outras situações relacionais em que se vê obrigada a assimilar outros desprazeres e renúncias aos seus desejos. Continua a suportar o fato de partilhar com os outros e diminuir suas ligações com a mãe. E nessa época que vai aparecer a importância daquilo a que a psicanálise chama: a relação edipiana. Entre os 3 e os 5 anos, a criança realiza a imagem

do seu corpo (definitivamente conquistado e situado no espaço) em relação com os outros; reproduz, nos seus desenhos, um personagem completo com tronco, pernas, braços, dedos e a cabeça com orelhas, boca, nariz, olhos. E a idade em que, mais afirmada a natureza sexuada da criança, o desejo a inclina para uma escolha: o menino para a mãe e a menina para o pai. A diferença dos sexos ganha agora todo o seu valor, diferença esta concretizada pela ausência ou existência do pênis.

Nessa etapa, o papel dos pais é ajudar a criança a resolver a angústia da situação triangular incestuosa, de que o desejo humano é portador. Eles não tem que intervir diretamente de um modo pedagógico, mas proporcionar à criança uma relação afetiva bastante firme para não dar acesso à agressividade ou à chantagem afetiva. Devem oferecer à criança a possibilidade de um diálogo, respondendo com verdades às suas perguntas de modo particular e as que se referem à vida sexual. Tudo o que permite à criança desdramatizar os seus fantasmas interiores, ajuda-a a resolver as suas tensões e ansiedades. Desta perspectiva, para MAUCO (1967),

"a força da autoridade paterna e a ausência de agressividade ameaçadora, são capitais para ajudar a criança a resolver as tensões da situação triangular edipiana. E ao identificar-se com essa força temida e admirada, qua a criança pode evoluir para a autonomia. Ao sentir essa força paterna resistente e seu desejo de "matar" o pai no plano

simbólico, que a criança pode renunciar a esta força". (p.86, 87)

O medo do pai ou da mãe exprime-se nas idealizações de violência agressiva em que predominam as representações de atos corporais, por isso, no inconsciente da criança, a imagem do membro viril é o símbolo da relação sexualizada, exatamente como o seio materno foi a ligação real e idealizada da primeira relação infantil. O pênis é ao mesmo tempo realidade e símbolo, carregado de todos os afetos inter-subjetivos da criança e dos adultos. É o símbolo do poder paterno, da proibição do desejo da criança; é o criador da criança no ventre materno; é o objeto de desejo e de vontade ansiosa por tudo o que simboliza de poder criador e de força impositiva. É, portanto, na vida dos fantasmas da criança, o símbolo mais amplamente carregado de afetos.

Com isso, em certos casos, o medo originado pelos fantasmas de castração pode impedir a aceitação da realidade, impossibilitando o acesso ao estágio genital.

Existem duas situações extremas que nos mostram a influência perturbadora dos pais nas relações com seus filhos; as das crianças mal amadas, quer por falta de amor e abandono, quer por excesso possessivo de zelo; e, a rejeição por parte dos pais, que pode manifestar-se abertamente ou de uma maneira disfarçada, onde a criança constrói-se à imagem do pai, ou em oposição a ele. Casos em que, essas crianças serão incapazes de se dominar, entregando-se livremente a

atividades sexuais, transformadas em meios de descarga libidinal da angústia.

A criança reage em função da insegurança afetiva dos seus educadores. Terá dificuldade de resolver os seus próprios conflitos interiores, determinados pelos comportamentos inconscientes dos pais, porque não puderam suportar a relação triangular com o pai e a mãe, apegando-se a comportamentos regressivos.

As formas de resistência do "eu", perante os pais ansiosos é considerável e varia conforme os indivíduos. Manifestando-se em todos os planos: afetivo, intelectual e físico. No plano afetivo, haverá: negação dos sentimentos, transferência afetiva sobre outras pessoas, inversão do desejo, culpabilidade, angústia, dúvida de si, preguiça e agressividade. No plano intelectual pode dar-se: inibição, transferência de interesses para os mais variados domínios, pseudo debilidade, etc. No plano físico verificam-se inibição neuro-musculares: rigidez, paralisia, enuresia, tiques, atitudes estereotipadas, perturbações orgânicas, tendências histéricas, etc.

3.5 - A latência afetiva

Aos 5-6 anos, a criança sofre a dupla influência afetiva dos pais e das relações escolares mais íntimas,

(colegas, professores, etc.). Esta dupla influência vai marcar a sua aprendizagem para a vida e a sua preparação para a atividade coletiva até a puberdade, por isso, os psicanalistas deram o nome de "período de latência à idade da escolaridade", latência esta, da energia libidinal e das relações sexualizadas. Após os 5-6 anos, a criança torna-se cada vez mais capaz de diálogo, o que permite aos pais uma ação educativa em que a autoridade pode fazer um maior apelo à compreensão consciente da criança, fazendo com que esta compreenda que a sua agressividade, os seus temores e a sua ansiedade exprimem uma insegurança imaginária. Mas, para a maioria das crianças, a redução das exigências libidinais orienta-as para o emprego da sua energia em comportamentos ativos e socializados, por isso, a escola, as colônias de férias, os grupos desportivos, as atividades coletivas, oferecem múltiplas possibilidades de ação em que a criança se vê obrigada a confrontar-se com a realidade e de modo especial, com a realidade relacional, incluindo as relações proporcionadas pela reunião de jovens de ambos os sexos, sem segregação alguma. Qualquer situação dramática que venha perturbar o clima familiar (luto, divórcio, choque sexual, etc.), reativando as angústias das crianças, pode levá-las a comportamentos regressivos e torná-las dependentes e frustradas.

Observação: As etapas evolutivas posteriores não serão desenvolvidas, visto que, o trabalho se refere ao pré-escolar.

4. A SEXUALIDADE INFANTIL - TERRA INCOGNITA

"O que todo mundo sabia há muito tempo, para mim foi como uma aventura."
(RICHARD BACH)

"Nossa identidade sexual básica como homem ou mulheres; nossa orientação erótica primária para o mesmo sexo ou para o sexo oposto; o que nos excita sexualmente e o que nos inibe; nossa sensação de segurança e conforto como seres sexuais; nossos medos e preocupações sexuais; tudo isto e muito mais é determinado e estabelecido primeiramente na infância". (CONSTANTINE, 1984, p.3).

Não obstante, a importância deste período da vida, o conhecimento sobre a sexualidade infantil permanece como terra incógnita, como área proibida e assustadora para muitos adultos.

O temor do adulto em conhecer e aceitar a sexualidade da criança está ligado às suas próprias dificuldades, e também as mudanças sociais que esta compreensão lhe acarretará.

Os meios de comunicação interessados em explorar este novo aspecto, veiculam informações sexuais dissociadas do amor. A falta de tempo e as dificuldades de diálogo, dificultam aos adultos escutar os temores e interesses da criança.

As experiências instintivas pré-genitais constituem a sexualidade infantil, por isso seu valor é muito maior ao descrever os primórdios de todo o desenvolvimento da vida instintiva. Sendo, assim, é possível e saudável para uma criança o relacionamento interpessoal, com pleno uso dos instintos, e com uma vida sexual integral. "É preciso que se reconheça a criança que existe em nós, como sexualizadas para poder reconhecer as crianças como seres sexuais". (CONSTANTINE, 1984,p.4)

A criança saudável tem sonhos plenamente genitais. Quando os pais existem e também existe uma estrutura familiar, a solução para o sonho da criança vem através da possibilidade de distinguir entre o que chamamos de realidade e fantasia. Ver os pais juntos torna suportável o sonho de uma separação ou da morte de um deles. A cena primária (os pais sexualmente juntos) é a base da estabilidade do indivíduo, por permitir que exista o sonho de tomar o lugar de um dos pais e de viver sua fantasia sexual. Os pais podem facilmente falhar na criação de seus filhos, por não serem capazes de distinguir claramente entre os sonhos da criança e os fatos reais, castrando-as

em sua fantasia. Pode ocorrer de eles apresentarem uma idéia como se fosse um fato, ou reagirem impulsivamente a uma idéia como se esta fosse um ato. Na verdade, é possível que eles tenham mais as idéias que os atos da criança. A maturidade implica, entre outras coisas, na capacidade de tolerar idéias, e quem é pai ou mãe precisa desta capacidade, que na melhor das hipóteses faz parte da maturidade social. A criança só aos poucos alcança a capacidade de distinguir entre sonho e realidade.

"Um sistema social maduro permite a liberdade das idéias e sua livre expressão". (WINNICOTT, 1988, p.78)

4.1 - Aspectos gerais

As sociedades humanas distinguem o jovem do velho e estabelecem critérios, privilégios e responsabilidades baseados na idade, havendo, assim, distinções evidentes a cada idade. Em nossos dias, mesmo com o aparecimento de modelos de educação infantil mais permissivos, e com uma opinião generalizada de que vivemos numa sociedade cujo centro é a criança, não se proporciona a elas acesso a informações de natureza sexual; não se permite que elas decidam seus próprios destinos, e, a elas se nega privilégios específicos reservados aos adultos, como dormir quando bem desejar e direito de livre associação. Um dos

previlégios que os adultos se reservam é o da expressão sexual. Desta forma, o reconhecimento da sexualidade infantil ameaça o que é provavelmente uma das características centrais da nossa sociedade: sexualidade como uma coisa de adulto, ou seja, o casamento.

CONSTANTINE (1984), diz que,

"a criança geralmente é alvo de fantasias sexuais coletivas, e é plausível pensar que os adultos consideram a expressão sexual infantil perigosa ou até ameaçadora. Apreende-se claramente do mundo que nos cerca, que o despertar da sexualidade infantil e sua expressão viva é com frequência um grande problema para o adulto." (p.6)

Essa fantasia e projeção da sexualidade infantil entre os adultos, exercem uma grande influência nas reações das pessoas para o estudo desta sexualidade.

Toda criança por volta dos três anos começa a fazer perguntas e a manifestar desejos fantasiosos. Suas perguntas são em relação à origem dos bebês, surgindo de maneira espontânea, e sem despertar atenção, e os pais não dão grande importância, entendendo-as com a mesma despreocupação com a qual a criança parece perguntar. Com isso, eles lhes dão respostas de maneira errada e conflituosa. Como sua explicação de que os bebês são trazidos pela cegonha. As crianças podem ter escutado outra versão, um pouco mais séria, da realidade de sua existência, e por meio deste conflito, a criança se torna confusa por ter sido enganada por seus próprios pais. Então, segundo JUNG (1988),

"soluções como esta, que aparentemente conseguem matar pelo menos 'dois coelhos de uma só cajadada', não podem ser desfeitas sem provocar certos abalos nas relações de confiança entre a criança e os pais" (p.14).

É mais ou menos aos 4 anos que a criança começa a criar para si, pela imaginação inventiva, aquela explicação de que sente falta, mas os pais, não percebem e dão, de início, muito pouca importância às manifestações espontâneas da criança. Fazem apenas o que consideram obrigação geral na educação. É costume dar-se pouco valor ao que dizem as crianças; em qualquer fase de idade, são consideradas ainda irresponsáveis no que diz respeito às coisas essenciais, enquanto que nas coisas de pouca importância para elas, são levadas a sério e consideradas responsáveis.

Toda criança pergunta aos pais sobre os bebês, e eles respondem quase sempre que é a cegonha que os traz, e outras fábulas ou evasivas. É certo que as coisas não se dão assim, e a respeito disso, elas jamais se deixam enganar, onde, tanto o pai como a mãe mentem, e todos os outros também mentem. Compreendemos, então, que de onde foi retirado um investimento amoroso, há uma perda de confiança nas figuras primordiais para a criança, que afetará profundamente sua vida psíquica. Assim, seu mundo afetivo recorre a uma forma infantil muito conhecida de forçar o amor dos pais, que são: os gritos noturnos, e os chamados pela mãe, ou xixi na cama, por exemplo. A raiz desse desejo se encontra no medo, e o medo é a expressão de um desejo

introvertido, isto é, de uma introversão que a partir deste momento se tornou neurótica, sendo desfavorável ao desenvolvimento da criança nesta idade. JUNG (1988) diz que,

"as teorias erradas, postas em lugar das verdadeiras, costumam perdurar por anos a fio, até que, surja bruscamente um esclarecimento. Não é, pois, de admirar que estas teorias, que pais e educadores ajudaram a formar e a desenvolver, venham a trazer sérios problemas psicológicos, sociais e familiares, pois a criança tem uma curiosidade aguçada sobre a sua vida e a dos outros". (p.24)

Por isso, tudo lhe deve ser esclarecido, pois, quando a verdade não lhe é contada a criança se torna intimidada e desconfiada.

Segundo observações feitas por pais, é possível uma espécie de orgasmo já desde os 4 meses até o início da puberdade. Este orgasmo infantil naturalmente não apresenta os mesmos sinais que o depois da puberdade, ou seja, uma ejaculação, mas somente os fenômenos físicos que o acompanham, como pressão sanguínea elevada, percepção externa reduzida e conteúdo de oxigênio do cérebro modificado. Também na criança muito pequena, e no pré-escolar, ocorrem já atos de masturbação, tais como: a manipulação dos órgãos genitais e com sensação de gozo local ou as modificações gerais descritas acima.

O fator sócio-cultural que determina o desenvolvimento sexual da nova geração, é a família, que representa uma parte da sociedade. Por isso, todas as normas e proibições

relativas a sexualidade foram projetadas pela família. Nossas brincadeiras sexuais estão ameaçadas de castigo, seja castigo verbal, punição divina e/ou castigos físicos. Esses castigos, quaisquer que sejam, pesam muito na consciência da criança, levando-a a um desenvolvimento psíquico errôneo.

A moral sexual atual, tão defendida, por pais e educadores como uma moral onde o conhecimento sexual e a atividade sexual de crianças é desaprovada, influencia nitidamente em seu desenvolvimento sexual. Recentemente, porém, uma camada mais nova da população não só caracteriza a moral sexual anterior como ultrapassada, mas também, a vê como opressora para o desenvolvimento da personalidade, e a denúncia como meio de uma tendência dominadora que leva à agressividade. Por isso, um equilíbrio na educação sexual e uma compreensão do desenvolvimento sexual da criança, é importante para uma evolução saudável desta.

Todos esses problemas são difíceis demais para a inteligência infantil, por lhe faltarem ainda muitos conhecimentos indispensáveis, sem os quais os problemas não podem ser resolvidos. A criança nada conhece sobre o esperma, e sobre a relação sexual. Assim, uma das saídas possíveis para a origem dos bebês é acharem que a mãe come alguma coisa, pois somente assim, algo pode entrar no corpo, não sabendo, o que o pai tem a ver com tudo isso. Daí mais uma das curiosidades da criança, que deve ser esclarecida pelos pais. A criança muito insegura em relação aos fatos se

torna medrosa e desconfiada. Estes acontecimentos vêm demonstrar que de novo pairam sobre a criança as ameaças do medo. Surge, pois, outra vez, algum obstáculo no processo amoroso com os pais, e conseqüentemente, grande parte desse amor é convertido em medo.

Toda essa curiosidade faz parte da vida da criança e para ela é muito importante. Cada esclarecimento que ela vai recebendo é mais um conhecimento que lhe é acrescentado; mas esse esclarecimento dado à criança, deve ser feito de maneira clara e precisa, para que elas entendam e possam ser entendidas mais tarde; não acarretando assim, problemas futuros. Muitos pais por dificuldades pessoais e falta de conhecimento, preferem viver na fantasia em vez de darem a explicação dos fatos reais da vida para a criança. A explanação franca; ainda que feita um tanto cedo, é o agente capaz de descarregar a fantasia infantil, impedindo que ela assuma no tocante a essas coisas, alguma atitude secreta e incorreta, o que apenas teria sido um impecilho para o desenvolvimento espontâneo do pensamento. Por isso,

"não se deve dar à criança explicação errada, a qual apenas seria fonte de desconfiança. A razão é que tal atitude simplesmente abafará o desenvolvimento livre do pensamento e forçará a criança a assumir uma concepção de tal forma concreta" (JUNG, 1988, p.39),

que excluirá qualquer possibilidade de desenvolvimento ulterior.

"O significado psico-sexual para a formação do indivíduo sempre resulta da ação do indivíduo e da reação do meio ambiente." (SCHRAML, 1977, p.61)

4.2 - Importância das primeiras experiências

Aos três anos de idade, a criança demonstra um grande interesse na parte do corpo que costuma chamar de seu "pipi". E nessa idade, porém, que ela vai em busca de informações sobre a sexualidade, para poder entender as diferenças sexuais e a própria sexualidade.

"Suas tentativas de esclarecimentos através de indagações, faz com que a resposta da mãe, afirmando que tenha "pipi", além de deixá-lo confuso, reforça a sua crença numa indiferenciação sexual, achando que também pode fazer "pipi" com o traseiro. Sua ânsia por conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual". (ABUCHAIM, 1991, p.53)

A crença de que os seres animados se distinguem dos seres inanimados pela presença do "pipi", reforçada pela mãe, faz com que a criança veja um "pipi" bem pequenininho na irmã recém-nascida. Com o passar dos anos, a criança, através de experiências e conhecimentos adquiridos, vai reconhecendo a existência de diferenças entre os genitais masculinos e femininos, o que gera alguns conceitos, como toda descoberta. Só o tempo poderá ajudar, como por exemplo, acharem que os meninos podem gerar filhos e aí por diante.

E oportuno considerar que o ser humano, no seu desenvolvimento biológico, inicialmente, não teria diferenciação sexual morfológica, e que no transcurso do desenvolvimento embrionário são determinados caminhos diferentes, legitimando os sexos. Portanto, na evolução biológica natural, não haveria lugar para um sentimento de "perda". Não se pode perder aquilo que nunca se teve, mas, na comparação dos sexos, o que se pode sentir é um sentimento de "falta", percepção que determina a diferença entre um e outro ser. Na verdade, não há "perda" nem "falta", mas somente diferenciação dos sexos, com isso o sentimento legítimo que se manifesta é o de estar incompleto, nunca o de ter sido castrado.

Analisando sua sexualidade, a criança vai descobrindo mais sobre seu corpo do que uma explicação fora de sua realidade, muitas vezes dada pelos pais e professores. Percebendo suas diferenças, as crianças compartilham a mesma fantasia para poderem compreender os sentimentos existentes em cada uma. Sob esse ponto de vista, o sentimento ou angústia de castração não está relacionado a uma sensação ou temor de "perda", mas à comprovação na realidade de "falta", gerando uma necessidade de complementação e a busca de outro ser, que lhe permitirá o alívio dessa necessidade e a própria integração da emoção - afeto - corpo. Isso se refere a um sentimento de ausência, aqui usado no sentido de "falta", uma vez que não se pode ter a sensação do ausente,

se não se experimenta a existência real. Assim, a vivência de necessidade de complementação psicocorporal cria um reconhecimento mais de "falta" do que de "perda" do "pipi" ou da vagina. Deve se observar, então que o processo discriminatório da identidade sexual leva meninas e meninos a um sentimento de "falta", que os impede de ter o sentimento de complementação e inteireza na fantasia ou na realidade, para encontrar a integração emoção afeto-corpo.

Tudo isso leva à reflexão da importância do olhar em todo o processo de individualização e discriminação sexual. Quando o bebê olha para o rosto da mãe, ele vê a si mesmo, assim, o rosto da mãe; o seu olhar, sobretudo, é o primeiro espelho da criatura humana. ABUCHAIM (1991) ressalta

"a importância do olhar na vida afetiva do indivíduo, onde vai além da concreta discriminação corporal e sexual, pois há um universo de possibilidades de comunicação entre as pessoas através do olhar". (p.56)

A visão dos genitais torna-se uma necessidade onde a criança pode encontrar a sua própria identidade sexual; por comparação, estabelecer a sua individualização e a delimitação do seu esquema corporal, pois confunde seu esquema corporal com o corpo da mãe. Esse tipo de confusão favorece tanto no menino como na menina, onde a ausência de seios nas crianças, os leva à crença de que com seu crescimento haverá desenvolvimento do pênis na menina e dos seios no menino. Essa sensação de "falta" é o que leva as

meninas a um sentimento de desvantagem e, muitas vezes, a manifestarem o desejo de possuir um pênis. Tem dificuldade de diferenciar-se como pessoa e sexualmente, pois não conseguem enxergar, ainda, o seu esquema corporal completo. Este desejo é mais aguçado na menina, pois o pênis é um órgão que chama muito a atenção, onde é mais manipulado que os seios, mas há uma ligação entre o pênis e o seio. Eles são objetos de amor e de prazer.

A menina, ao fazer fantasia com o pênis masculino, nada mais faz do que uma busca, na tentativa de individualizar-se, mesmo através do oposto, querendo, assim, discriminar-se, conquistar sua inteireza e identidade, por isso, a importância do olhar para a sua identidade sexual. Assim sendo, assinala-se que a percepção entre a vida e a morte ainda é uma função do olhar. As pessoas discriminam-se das demais para terem a sensação de inteireza, da sua medida e de sua capacidade. Uma pessoa com a sensação de indiferenciação discriminatória, não poderá ter sensação de existir, de ter posse de si mesma na administração dos seus bens internos, na singularidade de sua vivência e individualização pessoal, por isso, a criança, seja de qualquer idade, deve se olhar e se descobrir, para se sentir realizada e humana.

Não há regras preestabelecidas, embora os pais frequentemente tentem impor regras, as quais as crianças, devido à sua fragilidade, não resistirão, cumprindo-as. Mas

essas aceitações forçadas, impostas à criança, só servem para interferir na sua capacidade de enfrentar a situação problemática de forma construtiva, como também, não as faz aprender essas regras se não explicarem seu significado e vivenciarem na prática. Se um dos pais insistirem que seu ponto de vista sobre determinada questão deve prevalecer, e suas regras devem ser obedecidas, achando que este medo de pensar é o certo, são pois autoritários e retrógrados, e devem saber que mesmo a criança obedecendo suas "ordens", não será garantido que ela as aceite em seu íntimo. No que diz respeito a experiências anteriores, a criança segue regras próprias, sem que elas tenham sido sequer explicitadas, ou seja, regras estabelecidas conforme suas necessidades. Essas regras podem ser mudadas, e muitas vezes são, pela própria criança, sem qualquer consciência de que de fato as mudaram ou como. É nesse jogo de regras que a criança constrói sua moralidade, e pelo respeito a essas regras constitui sua formação moral. Esse resultado não é claramente compreendido e livremente aceito na relação pai-filho por esses pais, que acham que só o que lhe convém é o certo, o resto não importa.

Um pai deve adaptar sua forma de agir às respostas de seu filho e reavaliar as constantes mudanças da situação geral, à medida que se desenvolve.

As reações de uma criança são muito difíceis e duras para as ações paternas. Mas é muito comum à criança, quando

em desacordo com os pais, esconder seus verdadeiros sentimentos, com medo de sua reação, deixando-os bloqueados. O pai, que já sabe reconsiderar assim, sua relação com seu filho, dificilmente precisa de conselho; ele saberá o que fazer e a cada ação e reação do filho, reavaliará repetidas vezes a situação, e achará a solução certa. Pode-se com isso, dizer, que um pai apto a tirar proveito de um conselho sobre criação de filhos, quase nunca precisa dele, enquanto que, o pai incapaz de avaliar e reavaliar a situação global corretamente, não sabe usar o conselho de forma inteligente e com êxito, por isso, este pai não sabe criar seus filhos. Se aprendermos a nos projetar na mente da criança, enquanto, ao mesmo tempo, tentamos compreender o que nos motiva, então, instintivamente, escolheremos a melhor maneira de agir. Devemos seguir sempre o seu modo de pensar, em suas tentativas de entender e lidar com situações e problemas ligados à criação de filhos, e não se fiar cegamente nas opiniões de terceiros, para se ter uma vida de plena harmonia com seus filhos, e deles poder esperar o mesmo. Um ambiente familiar harmonioso e com poucos problemas, onde todos se compreendem, oferecerá uma vida saudável e feliz.

BETTELHEIM (1988), diz que,

"toda experiência paterna indica que, desde o nascimento, as crianças diferem em suas reações, e que até mesmo em tenra idade têm mentes próprias que, muito frequentemente, tentam fazer valer até contra seus pais, embora esses esforços permaneçam

frustrados devido ao estágio de seu desenvolvimento". (p.8)

A doutrina behaviorista sustenta que a vida de uma criança é um começo inteiramente novo, para o qual todo tipo de desenvolvimento futuro é uma possibilidade real, e que um preparo mais cuidadoso e deliberado é necessário para se obter o fim desejado, a criança, então, deve passar por várias experiências na vida, para aprender o significado real do que a cerca. Hoje em dia, só os behavioristas extremados ainda sustentam a reivindicação exagerada de que qualquer resultado desejado pode ser alcançado pelo treinamento, agora batizado com os nomes mais "científicos" de condicionamento e modificação comportamental. Mas pouco mudou no que se refere a difundida convicção de que o destino da criança na vida adulta depende inteiramente da maneira pela qual foi educada na infância. O ser humano não é, de forma alguma, completamente manipulável; a mente da criança, ao nascer, não é, em absoluto, uma tábula rasa, pelo contrário, sua própria natureza restringe severamente suas possibilidades ulteriores de desenvolvimento pessoal. A genética demonstra que, boa parte do que a pessoa vai ser é determinada no momento de sua concepção pela mistura particular de genes, com que os pais contribuem; essa mistura difere de pessoa para pessoa. Tanto a dotação genética quanto o processo evolutivo, limitam as alterações

que podem ser produzidas num indivíduo pela educação ou outras experiências da vida.

BETTELHEIM (1988), diz que

"a teoria freudiana do desenvolvimento humano, que compete com o behaviorismo, sublinha a não maleabilidade de grande parte de nossa herança evolutiva e a importância das primeiras experiências. Embora sejamos incapazes de alterar essa herança, as primeiras experiências modificam o modo pelo qual a criança se expressa". (p.8)

O homem será sempre perseguido por profundos conflitos internos resultantes das diferenças entre o que a criança é por natureza e o que ela quer ser. Ela, inevitavelmente, luta contra tendências egoístas, agressivas, anti-sociais, que são parte de sua herança evolutiva e de sua constituição pessoal, tanto quanto seus desejos de estabelecer ligações emocionais próximas. Essa luta, que proporciona as nossas primeiras experiências, são de grande importância para nosso crescimento individual, nossa autopreservação. Despertando a nossa própria responsabilidade, de buscar conhecimento verdadeiro.

O pai não deve ceder ao desejo de tentar criar o filho que gostaria de ter, mas sim ajudar o filho a desabrochar plenamente naquilo que ele quer e pode ser, em acordo com seus dotes naturais e como consequência de sua história de vida única. A experiência da primeira infância não só influencia o desenvolvimento da auto-estima e a percepção de nós mesmos em relação aos outros, como também determina

nossa interpretação de experiências ulteriores, levando-nos a arrumar os acontecimentos de nossa vida em conformidade com nossas noções preconcebidas. Portanto, quem quer que influencie a vida da criança, deve tentar conceder-lhe uma visão positiva de si mesma e de seu mundo. A felicidade futura da criança e sua habilidade em enfrentar a vida e relacionar-se com os outros, e com esta, dependerá disso. A criança, então, deve experimentar os prazeres e desprazeres da vida, para, crescer como ser humano.

A psicologia infantil enfatiza que, muito depende do que a criança experimenta ao longo dos vários estágios de seu crescimento em direção a maturidade, e que o modo de o pai lidar com essas situações não só é da maior importância, como pode ser fatal quando as coisas correm mal. O pai moderno está muito bem informado sobre aquilo com que deveria se preocupar ao lidar com o desenvolvimento do filho. A maioria dos pais, que não têm experiência de primeira mão para passar aos seus filhos, sentirão ansiedade diante da possibilidade de falhar enquanto pai e temem prejudicar o filho que amam. Mas a ansiedade do pai causa um grande mal tanto a ele quanto ao filho. Ser um pai bastante bom, é ser capaz de se sentir seguro na condição de pai na relação com o filho. Seguro a ponto de, embora cuidadoso com o que faz em relação ao filho, não ficar ansioso demais com isso e não se sentir culpado por não ser um pai bastante bom. A segurança do pai quanto a ser pai, tornar-se-á

eventualmente a fonte do sentimento de segurança do filho em relação a si próprio.

"Criar filhos é um esforço criativo, uma arte mais do que uma ciência". (BETTELHEIM, 1988, p.12)

5. COMPORTAMENTO SEXUAL DA CRIANÇA PRE-ESCOLAR

A época mais importante da vida é a infância, quando a criança começa a modelar-se por aqueles em cuja companhia vive. Todos os mestres que se seguem ao primeiro, exercem menos influencia do que este e se considerarmos a vida como uma instituição de educação, um circunavegador do mundo será menos influido pelos países que percorrer do que por sua ama.
(RICHTER)

O comportamento sexual dos meninos na pré-escola é diferente do das meninas. Essas diferenças de comportamento já são bem estabelecidas aos três anos de idade, e se tornam cada vez mais estereotipadas à medida que as crianças crescem. Existem crianças mais curiosas, violentas e mais ativas fisicamente, e que se ocupam mais em brincar com carros, armas e em montar coisas. São caracterizados pelos adultos, como agressivos, e "mandonas", de um modo geral. E existem aquelas que são menos ativas fisicamente e mais dóceis, ocupam com brincadeiras de casinha e de mamãe e papai. São mais carinhosas, procuram mais contato humano e

mostram mais suas emoções, estando mais interessadas na sexualidade.

Aos 3-4 anos as crianças geralmente são muito ativas, identificam formas, tamanhos diferenças e se interessam pelo órgão sexual masculino. É a época em que se mostram nuas e gostam de olhar para a zona genital do outro.

SCHRAML (1977), diz que,

"como o órgão genital do menino é visível e o da menina é interno, podemos compreender que inicialmente a menina pequena ache que também tenha tal órgão genital e que o perdeu, pensando que o seu foi cortado. Nesta época, porém, a diferença anatômica entre os sexos se torna um problema para a criança. Este problema permanecendo, principalmente na menina, poderá resultar numa recusa de seu papel sexual; e isto, dificultará posteriormente sua capacidade de entrega. Esta capacidade de entrega é necessária para a consumação satisfatória do ato sexual e para a convivência dos sexos em geral". (p.71)

Para obter o sentido da identidade sexual, a criança passa pelo processo de descoberta, através da identificação com o genitor do mesmo sexo. Contudo, à medida que o corpo se desenvolve, a sexualidade infantil também amadurece, onde, além de saber se é homem ou mulher, já estabelece limites entre o "eu" e o "outro", dando assim, forma à sua imaginação. Suplicy (1990), afirma isso, com os seguintes acontecimentos:

"nessa idade as meninas experimentam urinar em diferentes posições, perguntam por que seu corpo não é igual ao dos meninos ou o que aconteceu com o seu pipi, que não aparece". (p.50)

Para satisfazer a curiosidade existente em cada criança não se deve dar explicação errada. Deste modo, a criança não se tornará confusa e posteriormente terá menos problemas relativos à sua sexualidade.

Aos 4-5 anos, as reações infantis vão mudando. Nessa idade elas já possuem um vocabulário variado, usam frases corretas e complexas, querem saber como funcionam as coisas e conseguem verbalizar melhor as suas dúvidas. A mesma curiosidade que as leva a destruir os brinquedos para ver como são por dentro, também as motiva a perguntar de onde vêm os bebês e como o corpo delas funcionam. Confirmando esta teoria, com experiências observadas em diferentes escolas de pré-escolar, foi constatado que as crianças, em especial os meninos, desenham na massinha a professora e a identifica com os seios, assim como aqueles que, com a massinha fazem um boneco e já como conhecedor e explorador de seu órgão sexual, fazem este boneco deitado com o pênis em pé. Para eles isso é tão normal que sua exploração correta facilitará a compreensão e o desenvolvimento deste ponto da sexualidade.

Até os seis anos, a criança está sob o domínio do pensamento mágico e sem capacidade de abstração. Nessa idade, ela já é capaz de assimilar conceitos como: respeito ao outro e que a "liberdade" traz responsabilidade. Nesse momento, deve-se apresentar à criança os valores e limites

de comportamentos, que acham importantes para a família, tudo feito com muita clareza.

"Crianças criadas sem limites ficam inseguras e inconvenientes para o convívio social". (Suplicy, 1990, pag.60)

5.1 - Linguagem Sexual

Consideramos como palavras e expressões sexuais, aquelas relacionadas com os órgãos sexuais e com ato sexual, incluindo-se as primeiras palavras aprendidas pelas crianças. Neste assunto, à medida que a criança cresce ela começa a usar essas palavras como provocações. O uso de palavras sexuais pelas crianças para provocar uma reação de raiva ocorre no relacionamento delas com os adultos, e parece ser um meio da criança testar limites. GUNDERSEN (1984), diz que,

"quando essas palavras são usadas no relacionamento entre crianças, parece que elas adquirem maior sentido de insulto. Há uma tendência evidente dos meninos usarem as palavras sexuais com maior frequência do que as meninas, mas não há diferença na seleção das palavras usadas por ambos, pois quando um aprende, logo ensina ao outro." (p.44)

Frequentemente, os pais, professores e as outras pessoas, pela sua falta de sensibilidade frente ao uso destas palavras pelas crianças, causarão sentimentos negativos que serão associados a essas palavras. Formam uma associação

mais ampla com outros aspectos da sexualidade, dizendo-as com mais frequência, para aborrecer os adultos.

Raramente as crianças falam com os professores sobre dúvidas relativas a problemas sexuais, ainda mais quando estes não são tidos como confiáveis pela criança. As perguntas feitas pelas crianças pequenas, normalmente, são relacionadas à gravidez, nascimento e diferenças anatômicas entre os sexos. De uma maneira geral, os professores da pré-escola evitam dar às crianças qualquer tipo de educação sexual previamente planejada; entretanto a curiosidade das crianças é aguçada quando elas vêem que uma professora ou uma mãe visitam a escola grávida ou, em outras situações, onde a criança vê uma outra criança ou um adulto nu.

Por volta dos quatro anos, é muito comum as crianças falarem "cocô, bunda", levantarem a saia das meninas e falarem palavras ligadas à sexualidade. Estas palavras, para a criança, são importantes, pois, estando descobrindo a sexualidade, a repetição destas fazem parte desse aprendizado. Suplicy (1990) diz que,

"não adianta perder a paciência, gritar e bater na criança, tudo isso é até pior, pois elas estão numa idade em que tentam iniciar a sua independência e, por isso, enfrentam a autoridade dos pais." (p.58)

O que se deve fazer diante desse fato, é ignorar, não declarar "guerra ao palavrão", podendo observar que, em alguns meses esse comportamento cessará, pois, como se sabe, quanto mais importância se der a ele, mais ele será fixado.

Confirmando esta teoria acima, temos experiências desenvolvidas em diferentes escolas de pré-escolar, onde se observou várias crianças de aproximadamente quatro-cinco anos falando o tempo todo em "xoxota", "perereca", "peru" e alguns querendo acariciar o seio da professora. Fazem isso porque estão exatamente na fase em que descobrem as coisas.

As crianças se ocupam com uma grande variedade de comportamentos sexuais, mas os adultos não proporcionam uma orientação que ajude a criança a atingir o seu objetivo. Este fato reflete uma negligência geral para com o desenvolvimento emocional e sexual da criança, e este aspecto da existência humana deveria receber a mesma ênfase por parte dos professores e pais que recebe o desenvolvimento cognitivo e físico da criança.

5.2 - Contato Físico e Intimidade

"A necessidade que nós temos de sermos tocados, acariciados e abraçados é tão básica como a nossa necessidade de alimentarmos. A criança sente necessidade e busca ativamente não somente estímulos intelectuais mas também, táteis e emocionais". (GUNDERSEN, 1984, p.45).
Esse comportamento é motivado por uma necessidade de experimentar o contato físico e a intimidade que persiste por toda a vida.

As crianças frequentemente querem e procuram ativamente ter contato físico com seus professores, isto é, tocarem ou

serem tocados, serem acariciados e ficarem bem perto do professor, sentarem no seu colo, serem beijados ou beijarem. A finalidade principal dessa procura do calor e da intimidade do corpo de um adulto é receber amor e atenção.

As mulheres, como professoras da pré-escola, tem a tarefa de suprirem as necessidades de contato físico das crianças. Muitas vezes, algumas tendem a responder com repreensões severas ao comportamento "agressivo" de algumas crianças, em especial os meninos, e a recompensar o comportamento de procura, de aproximação de outras crianças, em especial as meninas, e contribui para que estes primeiros sejam levados à castração de seu comportamento e a um sério problema na relação com sua sexualidade.

"Baseando-se nas observações do comportamento masculino especialmente da figura paterna, os meninos aprendem a evitar o contato físico que não preenche o papel masculino que eles aprendem".
(SKAR, 1984, p.45)

Entretanto, a necessidade básica de contato físico e intimidade não desaparece nos meninos. Essa necessidade parece ser canalizada para outras formas de comportamento, como por exemplo, brincar de médico, papai e mamãe, onde as crianças escolhem um lugar protegido fora da vista do adulto. Esses jogos, que fazem parte de seu contato físico e da sua intimidade, são de grande importância para a criança e fazem parte de seu desenvolvimento sexual. Eles não devem ser interrompidos para não atrapalhar esta fase da criança.

Com este comportamento, as crianças estão satisfazendo parte de sua necessidade de contato físico. Muitas crianças mantêm essa correlação de intimidade e contato físico até a vida adulta, no seu aspecto social e sexual, e associam intimamente a aproximação com agressividade.

"Algumas professoras já enfrentaram situações em que alunos incentivavam um colega bem mais jovem, a fazer brincadeiras sexuais (como colocar o pênis na boca do menor). Outras vezes é o pequeno que propõe aos coleguinhas brincadeiras estranhas à sua idade". (Suplicy, 1990, p.76)

Isso pode ter sido provocado mesmo, como um tipo de vingança, quando essas crianças forem vítimas de abuso sexual de adultos. Essas crianças passam a se comportar de maneira diferente com o professor; tornam-se desconfiadas, tensas e mais retraídas que habitualmente. Exemplificando tal fato, com experiências reais de escolas de pré-escolar, temos J.E. de cinco anos, que foi pego atrás da árvore "chupando" o pênis de um amigo. Sua mãe não soube explicar tal ato, dizendo que nada tinha a haver com aquilo e que na sua casa não acontecia nada, só que ele dormia no mesmo quarto que ela e o marido. Daí já se tira a conclusão. Desta forma, não é surpreendente que várias dificuldades sexuais, experimentadas por homens e mulheres, seja a incapacidade de manterem uma relação sexual satisfatória estejam ligadas a esta primeira fase.

5.3 - Jogos sexuais e o interesse pelos genitais

As crianças têm uma grande necessidade de vivenciar os seus sentimentos e curiosidades sexuais, o que elas conseguem nos jogos. A maioria desses jogos são executados nas áreas isoladas para as crianças, que normalmente existem nas pré-escolas; nestes locais as crianças geralmente se despem e exploram mutuamente seus corpos e regiões genitais.

Apesar das informações veiculadas pela imprensa falada e escrita, e da existência de uma mudança gradual dos pais e da sociedade para com os jogos sexuais da infância, permanece ainda uma considerável repressão a esse tipo de comportamento.

"Em um estudo retrospectivo sobre a sexualidade feminina, mais da metade das pessoas disseram que os jogos e a atividade sexual da infância tinham que ocorrer sem o conhecimento dos pais."
(GUNDERSEN, 1984, p.47),

pois estes, na maioria das vezes não as entendiam.

As crianças de três-quatro anos gostam de brincar de fazer cócegas, tocar os próprios genitais e os dos outros. Estas brincadeiras ocorrem entre irmãos, primos, amiguinhos e vizinhos. São brincadeiras de médico, de papai-mamãe e outras, que fazem parte do desenvolvimento da sexualidade. Em geral, essas brincadeiras são feitas em grupinhos mistos, e são uma forma de satisfazer a curiosidade sexual. Suplicy (1990), diz que

"não existe contra-indicação para esses jogos, ao contrário, eles são uma tentativa de afirmar a identidade e um teste de realidade. Deve-se só averiguar se as crianças são da mesma idade para não haver coerção". (p.57)

"Algumas diferenças sexuais interessantes foram percebidas no interesse que as crianças demonstram quanto aos genitais das outras crianças". (SKAR, 1984, p.47) O interesse dos meninos sobre os genitais das outras crianças era primeiramente dirigido para os genitais de crianças de seu próprio sexo, enquanto que as meninas, mostravam um maior interesse sobre os genitais dos meninos por serem mais visualizados. Os meninos se mostram orgulhosos de seu pênis e do fato deles poderem fazer coisas tais como ficar em pé enquanto urinam. Muito frequentemente as meninas mostram inveja quanto a essa capacidade, tentam ficar em pé enquanto urinam, e perguntam porque elas não possuem um pênis. Esta explicação está por demais na dependência das diferenças que os meninos e as meninas apresentam quanto ao conhecimento de seus corpos. Os valores e as regras culturais, perpetuam este estado de ignorância das meninas; de fato, há falta de informação sobre as partes e as funções dos órgãos genitais femininos, tanto para os meninos como para as meninas. Por outro lado, parece que os meninos conseguem de seus companheiros da mesma idade e mais velhos e mesmo dos adultos, maior quantidade de informações sobre os seus próprios órgãos sexuais e as funções dos mesmos do que as

meninas; muito da educação sexual dos meninos ocorre fora da estrutura familiar e escolar.

Sem dúvida, este estado desigual de conhecimento e experiência leva a problemas e conflitos que podem influenciar negativamente na sexualidade feminina e na interação sexual da vida adulta. É evidente que muitos desses problemas poderiam ser minorados com um esclarecimento detalhado sobre as partes e as funções dos órgãos sexuais masculino e femininos para meninos e meninas em linguagem acessível a esta idade.

5.4 - Masturbação

É comum que as crianças comecem a manipular os seus órgãos, genitais a partir do momento em que a coordenação dos movimentos da mão e braço estão suficientemente bem desenvolvidos. As crianças que se preocupam muito com a masturbação, representam um problema para os professores da pré-escola; essas crianças normalmente se isolam das outras atividades do grupo enquanto se masturbam. Elas são descritas como sendo difíceis de serem abordadas e, em muitos casos, como sendo desordeiras.

Alguns professores chamam a atenção para o fato de que tal comportamento reflete ambientes poucos saudáveis em suas casas e de que estão insatisfeitas. Nos casos que o

relacionamento da família com a pré-escola é bom, os pais admitem que o fato de seus filhos se masturbarem persistentemente e compulsivamente, constitui um problema para eles também.

"A masturbação excessiva pode ter valor diagnóstico, mas precisamos ter cuidado em não rotular uma criança tendo como parâmetro apenas a atividade masturbatória. Nestes casos o comportamento masturbatório parece ter um efeito de acalmar e sedar a criança e não parece estar na dependência do orgasmo. Este também parece ser o caso das crianças que se masturbam de forma mais moderada." (GUNDERSEN, 1985, p.50).

A manipulação genital pode levar ao despertar sexual e desta forma pode também levar ao orgasmo. Aprende-se um roteiro sexual, uma representação psicológica de um comportamento sexual pré-determinado por uma interação de fatores fisiológicos, psicológicos, sociais e histórico-culturais. As atitudes repressivas sociais, quanto à sexualidade em geral ou a sexualidade infantil em particular, levam a restrições repetidas das expressões sexuais da criança. Desta forma, a masturbação pode facilmente se associar com sentimentos de vergonha, ansiedade e culpa. Dependendo da severidade com que essas experiências foram punidas, as crianças tenderão a evitar esse comportamento, pelo menos na frente dos adultos.

Suplicy (1990), diz que

"segundo relato feito por professores, há cerca de 15 anos a masturbação era bastante comum nas escolas; atualmente esse comportamento ocorre

esporadicamente, por exemplo no recreio, esfregando-se num cano de escorregador. De acordo com a experiência desses professores, quando a criança se masturba durante as atividades em sala de aula, geralmente é sinal de que algo não está bem (em casa, com ela mesmo, ou na classe)." (p.75)

Exemplificando esta teoria, temos o caso de uma criança de 5 anos que se masturba na ponta da mesa, durante as atividades em classe.

A masturbação pode produzir uma sensação de autoconforto e amparo, a que a criança com menos recursos psíquicos e materiais recorre em situações de ansiedade ou desamparo emocional. Talvez as crianças das classes mais carentes tenham que conviver mais com esse tipo de frustração, em virtude de serem também essas classes que sofrem mais dificuldades em outras áreas.

As vezes, a masturbação é utilizada pela criança como um meio temporário de conforto diante das frustrações, até que ela consiga resolvê-las de outra forma. A repressão da masturbação pode gerar comportamentos como roer as unhas, urinar na cama ou chupar o dedo (que nem sempre são frutos de repressão). Este tipo de proibição não chega a inibir o comportamento: a masturbação continua a existir, acompanhada de sentimentos de culpa, que poderão influenciar negativamente na sua sexualidade quando adulto.

Masturbar-se em público, obsessivamente, deve ser entendido pelos pais como um alerta. Muitas vezes esse comportamento significa que necessidades afetivas da criança

não estão sendo supridas pelos adultos. E como se ela dissesse "vocês não estão ligando para mim, então eu me cuido e me dou prazer sozinha". Essa postura é bem diferente do caráter exploratório e prazeroso da masturbação, levando a criança ao seu bel prazer.

A criança se masturba porque está descobrindo seu corpo, por isso é normal esse tipo de prazer. A masturbação desta maneira não deve ser tão preocupante para os pais, basta compreenderem a criança e a ajudá-la em sua fase de descoberta, para que juntos possam conversar e esclarecer o problema.

"As reações ambivalentes por parte dos adultos pode facilmente complicar o desenvolvimento sexual das crianças e admite-se que a atitude restritiva contribui para os sentimentos de ansiedade, vergonha e culpa, que as crianças desenvolvem em relação a sua sexualidade."

(CONSTANTINE, 1984, p.53)

6. IMPORTANCIA DO PAPEL DA FAMILIA E DA ESCOLA

O bem do homem reside
no amor, como o da
planta deriva da luz.
(Tolstoi)

A família como micro-meio ambiente do desenvolvimento psico-sexual é descrita sob dois aspectos: a família unida e a família separada. Na família separada fica muito difícil para as crianças encontrarem seu papel sexual, visto que falta o espelho de um dos membros do casal. Já a família unida é caracterizada pelo fato de os pais viverem juntos e as crianças crescerem nesta comunhão.

SCHRAML (1977), diz que,

"para a criança assimilar seu papel sexual, é importante que tanto o pai quanto a mãe tenham o seu real papel na família. Neste caso, as crianças podem assimilar as condições de dominância ou desenvolver-se contrariamente a estas." (p.66).

A relação específica de uma família perante a sexualidade, pode ser caracterizada por três posições típicas: posição negativa, onde a sexualidade é mantida afastada da criança

todo tempo possível; posição natural, que age com naturalidade diante da sexualidade, deixando a criança, desde cedo, conviver com os acontecimentos e as condições sexuais, respondendo suas perguntas e mesmo quando esta se mostra interessada por algum ocorrido neste sentido; e a posição liberal, que completa a natural, quando procura mostrar a sexualidade à criança, também, em ocasiões em que esta não está interessada.

"No meio ambiente familiar o desenvolvimento psicosexual é formado essencialmente pela transmissão inconsciente de um papel por um dos pais para a criança, podendo, esta, ser considerada como portadora da imagem que uma mãe ou um pai tem de si mesmo, daquilo que vêem em si. É uma projeção da própria personalidade inconsciente sobre a criança, onde ela, com isso, é influenciada em seu desenvolvimento psico-sexual, principalmente em sua evolução no seu papel sexual. Assim, uma mãe pode querer impor à sua própria filha comportamentos que tinha perante seu pai ou irmão muito severos, prejudicando desta maneira a evolução da menina para assumir seu papel sexual. Quando um pai tem a parte masculina de sua própria personalidade pouco desenvolvida, pode projetar desejos de masculinidade exagerada sobre seu próprio filho, perturbando-o muito, em seu desenvolvimento psico-sexual." (SCHRAML, 1977, p.67)

O fator mais essencial da educação sexual na escola, é a personalidade do professor. Já foi visto, anteriormente, como os pais introduzem sua problemática, seus desejos inconscientes e suas experiências passadas no desenvolvimento sexual da criança. Algo semelhante ocorrerá com os professores, que com seu relacionamento com a criança, deve proporcionar a integração da sexualidade. Mas

isso nem sempre é realizável, por isso, o professor deve ver suas próprias dificuldades e se ocupar delas, para depois poder fazer a integração da criança.

A orientação sexual deve se adequar à capacidade de adaptação e à idade do educando. Na infância a orientação sexual, deverá ser abordada, de forma individualizada ou em grupinhos que demonstrem o mesmo interesse, sempre que aparecerem situações com conotação sexual, ou que, possam ser usadas para esclarecimentos, pois a criança fala e mostra mais levemente, a qualquer hora, as dúvidas e sentimentos.

Frequentemente, as crianças perguntam através de ações (por exemplo, espiar outras no banheiro). O professor deve lidar de forma natural com essas situações, não reprimindo a manifestação da curiosidade e deixando as crianças livres para obterem suas respostas, facilitando, assim, o livre acesso ao material didático, que ajude a levantar as perguntas e também forneça informações. Mais importante do que qualquer coisa que o professor possa responder será a sua atitude diante da questão colocada pela criança. Ela assumirá principalmente a postura do professor diante das suas perguntas ou atos. Se a criança vem com uma informação errada, deve ser corrigida, mesmo que sejam os pais os transmissores de histórias como a da cegonha, pois é importante dar a informação correta, para que a criança possa desenvolver a confiança.

"Mas, como a sexualidade ainda não é encarada de forma natural por muitas famílias, é aconselhável que, antes de iniciar a orientação sexual, a escola tenha como norma fazer uma palestra para os pais, onde nesse encontro deve-se enfatizar o respeito pela sexualidade da criança e o uso das palavras científicas." (Suplicy, 1990, p.71)

A escola deve apresentar aos pais a sua postura diante da orientação sexual, pois alguns pais podem achar que a escola está pretendendo substituir a educação que gostariam de dar sozinhos. Mas, não existe a mínima chance de os pais serem os únicos a influenciar a educação sexual dos filhos. A criança aprende muita coisa, interagindo com seus coleguinhas, com a TV, com o mundo em geral. Ela também aprende informações erradas, à que os pais e os professores devem estar atentos para corrigir, e vai participar dos jogos sexuais, necessários para o seu desenvolvimento sexual e emocional. Provavelmente essas experiências ocorrerão mais em casa do que na escola. Mas, se ocorrerem na escola, a professora deve saber como lidar com elas, sendo que, a função da escola não é substituir os pais, por isso, o assunto sexo deve ser abordado em casa.

A função da escola para as crianças é a de garantir e proteger o desenvolvimento natural da sexualidade, isto é, que eles não sejam vítimas da informação errônea e da ignorância, que gera culpas e medos.

Suplicy (1990), diz que,

"uma das funções da escola é estabelecer limites. Um dos limites mais importantes é o respeito que cada criança deve ter pela outra. Assim, como ninguém pode ser forçado a brincar de pegador, os meninos não podem levantar a saia das colegas e professoras, pois essas também não gostam." (p.74)

Sobre as perguntas das crianças de como vieram parar aqui, é preciso responder diretamente. Explicar que é pelo ato sexual que um corpo de criança começa a se formar no ventre materno. E preciso dizer também às crianças, que elas nasceram porque desejaram nascer, pois o ato sexual não explica tudo, deixando as crianças confusas, achando que tendo três irmãos, os pais fizeram três atos sexuais. Já muitas crianças não fazem a pergunta diretamente aos pais, mas a fazem entre si e na escola. Suas conversas na escola sobre este assunto reduzem-se frequentemente a um gesto. O gesto lhes parece natural.

Dolto (1985), diz que,

"isso não é o suficiente, porque um dia a criança perguntará o por quê?, e será então, preciso explicar este porque, que pode ser da seguinte maneira: "Porque você queria nascer e nós também queríamos uma criança. Nós três nos encontramos e você começou a crescer na minha barriga, mas é também preciso falar de amor." (p.120)

O ato sexual conduz à procriação de uma criança quando o corpo da menina e do menino se tornarem adultos, e só entre um homem e uma mulher que se desejam mutuamente, e que não sejam irmão e irmã, nem mãe e filho, nem filha e pai, porque esta é a lei de todos os humanos no mundo inteiro. É normal que uma criança faça tais perguntas, em torno dos

quatro, cinco anos, e é ainda mais normal responder francamente, sem travestir as coisas. Essa verdade deve ser repetida sempre que esta precisar, pois é normal que dali a uns dois anos a criança venha a esquecer e a perguntar novamente, visto que as crianças criam fantasias e fabulações relativas a concepção e ao nascimento, que "também" são verdadeiras para elas: é o mundo do imaginário.

Esse mundo imaginário deve ser respeitado, porque a fabulação faz parte da vida das crianças. Reconhecer a realidade do sexo é reconhecê-lo como fator humano, é ajudá-lo a se aceitar. A união sexual permite o encontro das sementes de vida do pai com as sementes de vida da mãe, e que a criança que cresce na bolsa de bebês da mãe, é o filho dos dois pais. Não se deve esquecer de mencionar a proibição do incesto, todas as vezes em que se explica às crianças essa união sexual entre os seres humanos.

Cria-se confusão para muitas crianças quando a mãe chama de "papai" o pai e o pai chama de "mamãe" a mãe, quando falam com seus filhos. Deve-se dizer "seu papai", "sua mamãe", senão a criança pode achar que sua mãe é a filha mais velha de seu pai. Assim como também, quando seus pai e mãe, sentidos como irmão e irmã, chamam seus avós de "papai" e "mamãe".

"A instrução do vocabulário relativo aos parentes deveria ser feita na escola, esclarecendo assim, o que ainda é confusamente incestuoso na inteligência.

da criança, relativamente às relações de filiações." (Dolto, 1985, p.125)

Quando se fala da sexualidade infantil, fala-se frequentemente das perguntas diretas e indiretas das crianças menores, como por exemplo, o que tem esse lugar que não é somente funcional para o pipi?. Os pais devem explicar o que há nessa região que não serve apenas para os excrementos, mas também para as sensações especiais de desejo, de prazer, e falar imediatamente sobre esse prazer: da masturbação eventual. Os pais é que devem dar aos filhos a segurança, e ao mesmo tempo o conhecimento da sexualidade e a certeza de que podem falar sobre isso com a pessoa que, na família, está encarregada de educá-los para a vida em sociedade, assim como de educar seu senso de estética e de moral. Cabe ainda aos pais falar-lhes sobre a lei que proíbe o incesto, à qual eles próprios também estão sujeitos, e depois inculcar-lhes o sentido de auto defesa diante de adultos que poderiam querer enganá-los.

Em muitas famílias, hesita-se quanto a falar sobre estes problemas, por razões religiosas ou morais, ou simplesmente por se ter sido educado assim. Mas este é bem o contrário da educação. Hoje em dia, quando as crianças são expostas a tantas informações e incitações, elas correm perigo, principalmente nas cidades grandes, se não forem informadas a tempo por seus pais. Estes devem por para a criança que uma mulher para se tornar mãe precisa do homem,

explicando-lhes onde, no corpo humano, se encontram as sementes da vida masculinas e femininas, acrescentando que, para os seres humanos, seres falantes, as coisas não são como para os animais, pois se trata tanto de instinto mas também de amor e de responsabilidade assumida no desejo sexual; e falando-lhes sobre a fecundidade no homem e na mulher, um em relação ao outro e ambos em relação à criança.

Quando os pais se sentem realmente incapazes de falar sobre estes problemas, sempre podem encontrar alguém para fazê-lo: por exemplo, uma amiga que soube informar a seus filhos e que poderia, na frente da mãe, responder às meninas, ou um pai que respondeu numa família amiga a seus filhos, e que aceitaria instruir os meninos diante de seu pai.

As crianças fazem perguntas cada vez mais livremente, por causa dos filmes, do rádio e porque conversam entre si e algumas entre elas são inteligentemente educadas, sem que lhes seja inculcada nenhuma culpa relativa à sua curiosidade a respeito da vida ou da sexualidade.

"Quando uma criança vê o corpo do adulto, ela tem a ilusão de ser semelhante, e quando brinca com o corpo do adulto, é para o seu prazer, e se este prazer, sexual para a criança, agrada também ao adulto, ela não sabe mais quem é o adulto e quem é a criança." (Dolto, 1985, p.134)

A nudez dos pais não tem mais nenhuma importância a partir da puberdade, entretanto, é frequentemente nessa época que os pais não mais permitem à criança vê-los nus.

Mas, ao contrário, é quando ela é pequena que isto é perigoso, devido ao imaginário que toma o lugar de si mesma. A única educação sexual verdadeira é a proibição do incesto, e quando existe ao mesmo tempo a proibição do incesto e a liberdade de conhecer tudo, as crianças vão em direção das do outro sexo e se defendem do interesse sexual pelos pais, e pelos irmãos e irmãs. A maioria das fantasias infantis não são feitas para os pais, são sim, uma história infantil de sexualidade-ficção, feito pelas próprias crianças, com a intenção, muitas vezes, de chamar a atenção dos pais.

"Quando os pais têm a confiança de seus filhos, sabem falar com eles, ouvi-los, fazê-los ser precisos no que expressam, podem explicar-lhes tudo, a respeito do gênero de encontros com pessoas estranhas a estes e dizer-lhes como se defender e isto sem dramatizar." (DOLTO, 1985, p.144)

7. CONCLUSÃO

- . A criança existe, mesmo antes de seu nascimento, no desejo inconsciente dos pais.
- . O pai e a mãe influenciam a criança não somente pelo seu comportamento individual, mas também, pela natureza das suas relações conjugais.
- . O temor do adulto em conhecer e aceitar a sexualidade da criança, está ligado às suas próprias dificuldades.
- . Nossa vida sexual adulta é estabelecida basicamente na infância.
- . É normal que a partir dos três anos as crianças façam perguntas sobre o sexo e manifestem desejos fantasiosos.
- . A curiosidade infantil sobre o sexo é muito importante para a criança, e deve ser satisfeita com respostas reais e honestas.

. A educação sexual da criança compete em primeiro lugar à família.

. A escola não deve ignorar o desenvolvimento sexual do pré-escolar.

8. SUGESTÕES

- . A escola deve proporcionar aos professores e funcionários encontros e seminários esclarecedores, sobre o comportamento sexual do pré-escolar.
- . Promover círculos, de pais, esclarecedores da posição da escola em relação a educação sexual do pré-escolar.
- . Responder francamente ao questionamento feito pelas crianças.
- . Incluir em seus programas estudos sobre a importância do corpo humano na transmissão da vida.
- . Manter uma biblioteca atualizada sobre o assunto.
- . Introduzir nos programas de formação de professores um capítulo sobre a sexualidade infantil.

9. BIBLIOGRAFIA

- . ABUCHAIM, Alberto. A castração e o olhar. Um estudo da individualização. In: **Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro**. TRIEB. nº.1. 1991. p.52-59.
- . BETTELHEIM, B. Uma vida para seu filho. Rio de Janeiro. Campus. 1988.
- . BRIGGS, C.O. **Criança Feliz**. São Paulo. Martins Fontes. 1986
- . CONSTANTINE, Larry L., MARTINSON, Floyd M. Sexualidade Infantil - Terra Incógnita. In: CONSTANTINE, Larry L. **Sexualidade Infantil**. São Paulo. Roca. 1984. p.3-7.
- . CARDOSO, Ofélia B. **Filhos Felizes**. Rio de Janeiro. Editora Conquista. 1968.
- . DICCIONARIO DE PENSAMENTO. De autores clássicos e modernos nacionais e importados. 6ª. edição. São Paulo. Edições Lia. 1968.
- . DOLTO, F. **Como orientar seu filho**. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1985.
- . GUNDERSEN, B.H.; MELAS, Per Steinar; SKAR, Jens E. Comportamento Sexual da Criança Pré-Escolar. In: CONSTANTINE, Larry L. **Sexualidade Infantil**. São Paulo. Roca. 1984. p.40-53.
- . JUNG, G.C. **O Desenvolvimento da Personalidade**. 4ª. edição. Petrópolis Vozes. 1988.
- . MAUCO, G. **Psicanálise e Educação**. Lisboa Moraes. 1967.
- . SCHRAML, J.W. **Introdução à moderna Psicologia do Desenvolvimento para Educadores** São Paulo. EPU. 1977. 3v. v.2.

- . SUFLICY, Marta. Papai, Mãe e Eu. São Paulo. FTD. 1990.
- . WINNICOTT, W.D. Natureza Humana. Rio de Janeiro. Imago. 1988